



Ciência & Saúde Coletiva

ISSN: 1413-8123

cecilia@claves.fiocruz.br

Associação Brasileira de Pós-Graduação  
em Saúde Coletiva

Brasil

Vieira Villela, Wilza

Pereira PPG. De corpos e travessias: uma antropologia de corpos e afetos. São Paulo:  
Annablume; 2014.

Ciência & Saúde Coletiva, vol. 20, núm. 5, 2015, pp. 1639-1642  
Associação Brasileira de Pós-Graduação em Saúde Coletiva  
Rio de Janeiro, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=63038239033>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe , Espanha e Portugal  
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

**Pereira PPG.** *De corpos e travessias: uma antropologia de corpos e afetos.* São Paulo: Annablume; 2014.

Wilza Vieira Villela<sup>2</sup>

<sup>2</sup>Departamento de Medicina Preventiva, Universidade Federal de São Paulo.

De acordo com a explicação dada por Pedro Paulo G. Pereira, em “De corpos e travessias: uma antropologia de corpos e afetos”, Annablume, São Paulo, 2014, 238p., afecção refere-se ao impacto de uma força sobre um corpo; afetação é o que sobra, como sensação ou pensamento depois cessar a afecção. Captar a afecção produzida no contato com o Outro – situado no mundo como um corpo-sujeito e buscar aproximar-se da afetação promovida por este contato seria um primeiro passo de uma construção antropológica. Pensar o que naquele corpo-sujeito proporciona à instituição de uma alteridade demarcada também como dissimetria de poder, subordinação e exclusão social, a partir de contribuições de antropólogos reconhecidos nacional e internacionalmente, seria um segundo; entretanto, para a construção de uma antropologia local – que incorpora nas suas explicações sobre uma dada realidade o ponto de vista dos atores que a tornam concreta, é necessário ter a cautela de considerar que toda tradução, seja de um texto ou de uma teoria que fundamenta e da análise de uma realidade empírica é, e deve necessariamente ser, uma recriação. Assim, o antropólogo nos “trópicos”, lugar onde o autor modestamente se coloca, deve ser capaz de dialogar com os teóricos que lhe dão instrumentos para pensar, sem a eles se subordinar inteiramente. Ou seja, oferecendo a possibilidade de estabelecer mais de um ponto de vista sobre um mesmo fato, a partir da análise das condições de possibilidade da afetação mútua entre pesquisador e pesquisado num momento singular. Estes pressupostos orientam a experiência de Pedro Paulo apresentada no referido volume, que é uma adaptação da sua tese de livre docência, defendida em 2013 no Departamento de Medicina Preventiva da Universidade Federal de São Paulo. O livro é composto por oito capítulos, organizados em três partes. Uma primeira, trata das afetações produzidas em função da etnografia realizada pelo autor no seu doutorado, em uma instituição para portadores do HIV em Brasília, entre 1998 e 1999. Afetações que levam o autor a se perguntar das múltiplas possibilidades identitárias de um portador do HIV, e da restrição destas possibilidades quando o sujeito se encontra numa situação que o recorta apenas nesta condição, aprisionando-o. Estas reflexões impelem Pedro Paulo a mergulhar no mundo dos dissidentes do Aids, para pensar como se constrói

a hegemonia do pensamento biomédico, reflexão que é aprofundada no terceiro ensaio desta primeira parte, em que a discussão de biopolítica e biopoder, do fazer viver e deixar morrer, é retomada tendo a questão da Aids como mote. A segunda parte toca em questões que passam a afetar o autor quando da sua inserção num programa de pós-graduação em saúde coletiva, e seu contato com alguns dos temas caros à prática da antropologia neste tipo de espaço. As inquietações, num primeiro momento, ocorrem para constatação de que muito mais aproximações do que distanciamentos entre as práticas biomédicas e a antropologia; dados uma série de pressupostos comuns a ambas; assim, é na perspectiva de oferecer uma reflexão antropológica que amplie as possibilidades de compreensão de sujeitos e objetos já construídos pela saúde coletiva como corpos sociais, e não apenas biológicos, que Pedro Paulo irá analisar a construção de um imaginário sobre violência contra a mulher nas páginas de jornais e vai questionar a tradução (translação?) brasileira das teorias queer, propondo uma tradução à brasileira, de modo a tornar possível elementos de desigualdade social que criam corpos abjetos antes e independente que qualquer uso ou apresentação corporal dos sujeitos. A terceira parte fala da experiência do autor num projeto desenvolvido pela universidade em que trabalha com povos indígenas. Nesta experiência o que salta os olhos é o caminho inverso percorrido pelo autor, já que parte importante da antropologia brasileira se constituiu no estudo das populações indígenas. Este não foi o trajeto de Pedro Paulo, de modo que, quando é convidado a colaborar com o projeto, e sendo um antropólogo já maduro e inquieto, é para os profissionais que tentam levar um dado tipo de saúde a essas populações que a sua atenção se volta.

Estas afetações são enriquecidas pelo prefácio de Richard Miskolci e a apresentação de Otávio Velho. Interessante observar nestas contribuições as diferentes possibilidades de leitura que o livro oferece, aparentemente de acordo com o pretendido pelo autor, na sua busca de compartilhar com leitores de diversas formações uma parte específica das suas reflexões: aquela em que o antropólogo se propõe a pensar teoricamente algumas afetações produzidas por sujeitos e situações, ao longo do seu trajeto profissional. Trazidas como rápidos flashes de memória, os fragmentos que incitam à reflexão deixam claro que não se trata, tão somente, de reafirmar que todo objeto do conhecimento assim se constitui a partir dos afetos e afetações dos sujeitos do conhecimento. Ao contrário, a proposta é pensar a afetação mesma, considerando que este processo não é alheio às construções sociais que posicionam os sujeitos como Um e como Outro em um momento dado. Ademais, a in-



tenção do autor ao falar da sua experiência, como o próprio nomeia o esforço teórico apresentado no livro, parece estar enraizada no seu rigor e respeito com o exercício da antropologia. Ou seja, no seu afeto, que o leva a buscar nas contribuições de diversos autores, a maioria antropólogos, mas não apenas, possibilidades de compreensão de modos de existir de diferentes sujeitos. Ao mesmo tempo, é também no seu corpo que o afeto é sentido, bem como é o corpo do outro que o apresenta. Assim, trazer a corporeidade para o centro da discussão é estabelecer um diálogo com a biomedicina para além da retórica do reconhecimento dos sujeitos como corpos materiais, históricos e sociais.

Guiado pelos afetos e afetações, Pedro Paulo busca trazer para o leitor as mudanças do seu olhar na medida em que os seus sujeitos vão ganhando corpos, histórias, trajetórias, agenciamentos. Processos que diluem a categorização identitária (suposta? parcial? provisória? contingente?) que havia propiciado a aproximação do pesquisador. É ainda guiado pelos afetos, mas também firmemente aderido a uma teoria que toma sujeitos e objetos como efeitos de discursos que o autor busca analisar o que é falado, por quem e como, a respeito dos temas abordados no trabalho: Aids, gênero, etnocentrismo. No âmbito do livro, pensar os sujeitos e os discursos que os instituem, ainda que parcial e contingentemente, não parece ser apenas um exercício acadêmico, muito embora não houvesse problemas, se assim o fosse. O cuidado com que o autor busca referências atuais e variadas para construir o seu olhar sobre qualquer dos temas abordados, sem privilegiar um ou outro autor ou abordagem, mas sim mapeando suas possibilida-

des de convergência ou complementaridade, e as eventuais dissonâncias, atesta sua convicção de que a antropologia, como qualquer outro campo de saber, não é uma ciência fechada. Os sujeitos humanos, nas suas práticas sociais, desafiam qualquer possibilidade de explicações exatas, positivas e definitivas, em que pesem os esforços de normatização por meio de práticas biomédicas, bastante apontado pelo autor ao longo dos capítulos. Como também atesta o seu compromisso de construção de uma antropologia pós-colonialista, brasileira.

Evidentemente, a forma como Pedro Paulo foi afetado pelos seus sujeitos é definitivamente devedora da sua inserção no campo da Saúde Coletiva, e da sua busca de construir diálogos com os saberes e práticas da biomedicina que não tenham como pressuposto a ideia de “nós” e “eles”. Ou seja, a pergunta sobre como se produz uma alteridade subalterna num determinado corpo-sujeito, em parte só pode ser feita quando o autor foi afetado por uma situação na qual ele, de certa forma, era um outro, num espaço de práticas sociais que se organizam para pensar os sujeitos como outros – doentes de aids, vítimas de violência, subaculturados, e diretamente atuam sobre estes corpos-sujeitos, criando outras possibilidades de subjetivação que, no entanto, não deslocam o seu lugar de alteridade.

Neste contexto, produzir uma reflexão sobre a alteridade não o torna um, nem fomenta antagonismos. Do mesmo modo como aborda as diversas teorias de que lança mão para montar suas reflexões, a finalidade não é produzir respostas ou soluções, mas manter tensionadas as polaridades no ponto exato para estimular a criatividade teórica e política.